

“Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre”

A história do Brasil contada pelos homens, para os homens e sobre os homens relegam as mulheres ao anonimato e ao silêncio quase absoluto. Fazendo-nos crer que as mulheres sempre estiveram como passivas observadoras.

Mas, muitas foram as mulheres guerreiras, revolucionárias e insubmissas que não se calaram frente à opressão colonial, capitalista e patriarcal. Participando dos quilombos, insurreições, revoltas, greves, e guerrilhas. A História das mulheres nesses 500 anos de Brasil foi estrategicamente apagada, para que pensássemos que as mulheres não são capazes de se organizar, lutar e resistir.

As mulheres do povo sempre estiveram presente nas lutas. No período colonial as escravas negras eram responsáveis pela reprodução da mão de obra escrava, eram exploradas como força de trabalho e usadas por seus “senhores” sexualmente. Trabalhavam tanto nos afazeres domésticos como nos centros urbanos. As escravas eram minoria devido à preferência pela mão-de-obra masculina. Mesmo sendo poucas, participaram ativamente dos movimentos revolucionários da época. O *Quilombo de Palmares* (1630-1694) teve como um dos seus fundadores a negra *Aquiltune*. Filha do Rei do Congo na África, que comandou no Congo 10 mil guerreiros para defender o reino. Vendida como escrava para o Brasil fugiu e fundou com outros companheiros *Palmares*. Zumbi era seu neto. *Dandara* outra das guerreiras de *Palmares*, após a derrota, preferiu suicidar-se a voltar a ser escrava.

Filipa de Aranha liderou um Quilombo no Pará. *Teresa de Quariterê* liderou por duas décadas o Quilombo de Quariterê em Minas Gerais. Além dessas mulheres não podemos esquecer de *Luiza Mahin* que participou da Revolta do Malês (1835) e da Sabinada (1837). E depois também não faltaram revolucionárias como: Anita Garibaldi, Olga Benário, Pagú, Diolinda, Tia Ciata...

Se de um lado tivemos muitas vitórias, muitas mulheres lutando e combatendo, do outro vemos que a situação da mulher pouco mudou, continuamos convivendo com a pobreza, com a violência física e sexual que ocorre dentro de casa, dentro do trabalho, dentro dos meios de transportes. Continuamos sofrendo com o desemprego nosso e de nossos companheiros, com a falta de perspectivas para nossos filhos. E somos agredidas por uma cultura sexista que nos trata como objetos de consumo, como sexo frágil; e que nos omite como seres humanos pensantes e atuantes, e nos tratando apenas como o “segundo sexo” débil e frágil. Mas, importante no mercado de trabalho por sermos mão de obra menos valorizada e menos preparada.

Por isso estaremos em março no **DIA INTERNACIONAL DA MULHER** comemorando a resistência das mulheres, resgatando a memória das companheiras que ao longo da nossa história lutaram por uma sociedade mais livre, fraterna e igualitária. Onde as mulheres e os homens possam ser livres para exercer a igualdade com diferenças. E que o futuro possa ser de homens e mulheres livres.



Mulher é Poesia

Uma vez estava na casa de uns camaradas e enquanto esperávamos os outros chegarem ficamos conversando e dobrando a Pataxó. No meio dessas conversas uma voz se destacava e enquanto ajudava a dobrar e grampear papéis ouvia aquela voz dissertar sobre a sabedoria da mulher e sua teoria feminina para a conscientização do mundo.

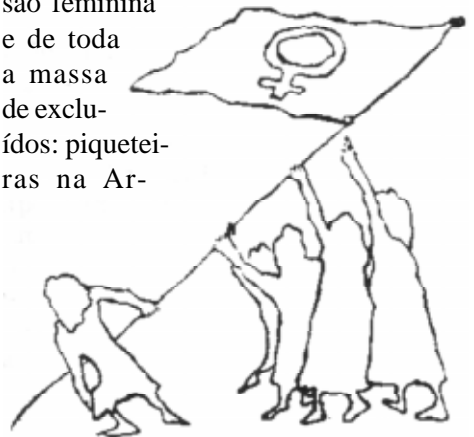
Ele nos deu vários exemplos de animais cujas fêmeas exercem um papel fundamental na preservação da espécie, não somente porque são elas que dão cria, mas sim, porque são elas que defendem suas crias dos próprios machos quando estes atacados pela fome, querem atacar seus pequenos filhotes e dizia que; se não fosse pela mãe urso, o papai urso comeria seus filhotes, assim que batesse a primeira fome. Falou também de algumas cadelas que alimentam gatinhos novos em suas preciosas tetas, destacando assim, a solidariedade entre espécies promovida pela fêmea, ainda deu exemplos de humanas que são capazes de produzir leite (não tirando da vaca, mas de seu próprio organismo, o famoso leite de peito ou leite materno) para servir de alimento a pequenas crianças que, por qualquer motivo, não tenham quem sejam por elas.

Foi depois disso que ele nos mostrou sua teoria feminina sobre o mundo: disse que as fêmeas de todas as espécies estão um passo a frente na evolução, são razão e sentimento juntos cooperando para a ação, enquanto os homens são so-

mente razão, e dizia que as fêmeas poderiam não ter força, mas tinham tamanha inteligência que poderiam acabar com a força.

Não tenho certeza se foi ele quem disse ou se foi eu depois que pensei nisso, mas acho que também falou que, foi percebendo tamanho poder que o homem começou a subjugar o sexo feminino fazendo-a acreditar que ela era o sexo frágil. Acho que foi por isso que nós, mulheres, ganhamos uma vozinha que nos diz que somos frágeis, desprotegidas e distantes da supremacia do homem branco. Talvez seja por isso que muitas mulheres não lutem por seus direitos, não queiram ter voz e vez na sua casa, na sua comunidade ou nas instituições que freqüentam.

Mas, mesmo com tudo armado contra nós, temos conseguimos superar tal subjugação. Por toda as partes do mundo vemos mulheres empenhadas na luta contra a opressão feminina e de toda a massa de excluídos: piqueteiras na Ar-



gentina, movimentos sociais liderados por mulheres, mulheres lutando pela sobrevivência de seus filhos, mulheres que trabalham em prol de sua comunidade, mulheres que se dispõem para a luta.

Uma vez visitando Fortaleza, conheci um trabalho social extremamente consistente e lá eu pude perceber a força da mulher sertaneja superando as dificuldades de uma comunidade, digo força da mulher sertaneja, pois a maioria das caras que conheci ali tinham osorrismo feminino. Tenho vontade de voltar lá e rever mais uma vez essas mulheres belas e fortes.

Confesso que superar conceitos arraigados dentro de nós é tarefa árdua e difícil e que até hoje pela manhã, antes de escrever esse texto não tinha ainda sentido orgulho de mulher e hoje vejo esse processo de superação em mim. Esse processo foi construindo-se a partir de reflexões, discussões, ações (nossa! como ficou cheio de -ões). E pegando o exemplo mais próximo de mim, posso dizer que vejo com outros olhos aquelas mulheres da Terra Prometida em Fortaleza e Bianco acho que você também me ajudou nesta superação.

Beijos e até a próxima e não posso esquecer do camarada sinistro que naquele dia me ajudou a preparar o texto de hoje, obrigada.

Rosilene Ramos

Você sabe porque 8 de Março é o Dia Internacional da Mulher?

Em 1910 se comemorou pela primeira vez o 8 de Março como Dia Internacional da Mulher, lembrando a trágica data de 1857, quando 129 operárias da indústria de tecidos foram queimadas vivas dentro de uma fábrica em Nova Iorque, por insistirem numa greve pela redução da jornada de trabalho de 16 para 10 horas diárias.

Nós mulheres não trabalhamos mais 16 horas por dia no emprego fora de casa. A luta das mulheres de 1857, as quais pagaram com a vida, contribui para essa vitória de hoje. De lá para cá as mulheres continuaram quase sem direitos, só podendo votar pela primeira vez em 1939. Daí para cá foi definido melhor seu espaço na sociedade.

Hoje, as inúmeras organizações de mulheres que existem pelo mundo afora demonstram que a discriminação que sofremos ainda é muito grande.



CONTESTAÇÃO

A violência contra a mulher faz parte do cotidiano de várias cidades brasileiras e do mundo. No Brasil, uma em cada cinco brasileiras já sofreu algum tipo de violência.

Estima-se que a cada minuto quatro mulheres são espancadas e violentadas. E o que vem ocorrendo no México é a constatação da cultura de barbárie, que sustenta a sociedade capitalista contemporânea.

Segundo um documento elaborado pela mexicana Ana Maria Gonzáles, neste momento no Estado de Chihuahua, especificamente na Ciudad Juárez, desde 1993 até o presente ano, foram cometidos perto de 300 homicídios de mulheres (feminicídio), e centenas mais de atentados contra mulheres mexicanas.

Desde 1993 ignora-se quem e por que estão cometendo estes crimes. Os motivos podem ser: cinema snuff, sexo necrofilico, tráfico de órgãos, comércio sexual, narcotráfico, corrupção policial, negócios dos balcas e de empregados do governo.

Estas séries de execuções não se limitam ao assassinato, mas que se distinguem por seu grau de sadismo e tortura que se aplicam ao corpo das mulheres vivas, que são penetradas por todo seu corpo, lhes são arrancadas seus seios, suas entranhas são abertas. De acordo com Ana Maria Gonzáles, estes crimes não são produto unicamente de indivíduos psicopatas, de rituais satânicos ou do narcotráfico; são, sobretudo, conseqüência do crescente desemprego, conseqüentemente da migração forçada, dos salários

os baixos e alguns mexican(a)os pensam que Ciudad Juárez poderia ser uma zona de experimentação de testes psico-sociológicos feitos por laboratórios científicos-militares multinacionais, como acontece na Ásia, África e nos países da América Latina, onde muitos casos são correntes.

O exemplo de Ciudad Juárez é um assunto que deveria ser de competência federal, por que está diretamente relacionado com o crime organizado. Sabemos que Ciudad Juárez é a ponta do iceberg da violência contra as mulheres nesse país.

A contestação contra estes fatos bárbaros, deve ser uma tônica dos libertários e libertárias do México, do Brasil e do mundo, indo para as ruas, alcançando sua voz contra a indiferença, e denunciando mais essa história de horror contra as mulheres.

Nós da Pataxó Folha Cultural defendemos, que todos os dias devem ser, “Dia Internacional Contra a Violência às Mulheres”, e que no dia-a-dia devemos denunciar o horror que as mulheres e seus familiares estão vivendo em Ciudad Juárez.

A nossa atividade contestatória à violência contra as mulheres também deve ocorrer no estado do Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo.

O dever dos revolucionários e revolucionárias é estimular a organização das mulheres para lutar contra o machismo, patriarcalismo, sexismo e pela sua auto-emancipação.

André Luiz Gomes

POSSÍVEL DIA

Agonizo e durmo.

Ao dia do sol, quero as possibilidades.

E esqueço da agonia dos meus ossos de ontem
à noite.

E no momento quero e posso.

A qual sinto todo o momento fluindo, como se
não existisse passado.

E revolto as vísceras de um rato podre, cheio
de moscas, e vejo, vejo minha vida como se
não entendesse nada do nada.

Apenas quero expurgar a dor da inércia do
meu ser, agora no dia das possibilidades, que
não me deixa disputar, espaço com as pedras
do meu quintal, dum lindo dia lá fora.

Dia das possibilidades, dia lindo lá fora.



Gydeão

SONO

O despertar de um sono, numa noite dessas qual-
quer, impulsiono-me em movimentos desorbitais,
com os planetas, com as estrelas e o asfalto.

Sáí a perambular, com impaciência de ape-
nas deitar em meu leito e esperar o sono.

Algo que não sei muito bem, me chama na
noite.

Como vultos, fantasmas, demônios ou bicho
do medo, a rua é repleta de vida.

Gatos escorraçados, cachorros leprosos,
baratas esfomeadas, ratos organizados e bi-
cho gente em sono, caídos em cantos sujos e
imundos, esperando o despertar do dia.

E às 4:30 da madrugada, já não conseguindo supor-
tar-me acordado, caio onde estou em sono.

Gydeão



QUESTÕES SUBCONSCIENTES

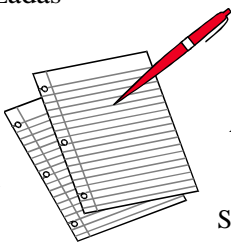
UTOPIA

Julgando pelos valores morais
 E vendo com olhos superficiais
 Cortam-se as asas da imaginação e da
 criatividade
 Condicionando a vida, o ser, o indivíduo
 Em padrão
 Padrão social, padrão comportamental
 Padrão... padrão
 Indivíduo padronizado
 Fruto das relações sociais atrofiadas
 Relações sociais “sistematizadas”

Reflexões da mente acusam
 Alguma coisa não caminha coerente-
 mente
 Algo que vivo está em conflito com o
 que penso
 Nestes momentos, no ápice das rela-
 ções sociais
 Eu vivo
 Apenas vivo
 Mas me vejo obrigado a pensar o que
 sinto/vivo

Prosa & Poesia

O que há?
 O que há de errado?
 As coisas acontecem
 Apenas acontecem
 Por quê ? ...



Pois não vejo o que acredito
 Penso que vivo
 E logo não tenho culpa
 Sou obrigado a isso
 Viver o que sou obrigado
 As condições me impõem
 Não tenho como fugir
 É isso ou viver na inércia
 Sofro influência do que vivo
 Eu não sou mau, sou condicionado
 Gostaria de viver o que penso

A vida passa, continua passando
 Não passa da mesmice
 Caminhando no vale das sombras
 Na escuridão
 Escuridão individual
 Escuridão social
 Os bens materiais não resolvem
 Apenas disfarçam
 Falta o sentido
 Sentido de alguma coisa

Penso mais um pouco...
 O que vivo também sofre influência
 Também sou agente do que vivo
 Mas não esqueço que ainda vivo o que
 sou obrigado
 Entendo isso
 e resisto
 só não estou imune, mas o embrião já
 foi gerado
 transformando o que vivo
 não sozinho
 vivo o que não sou obrigado
 inter-influenciando o que vivo/penso
 e vivendo plenamente o que sinto.

E aliás, o que faz sentido!?

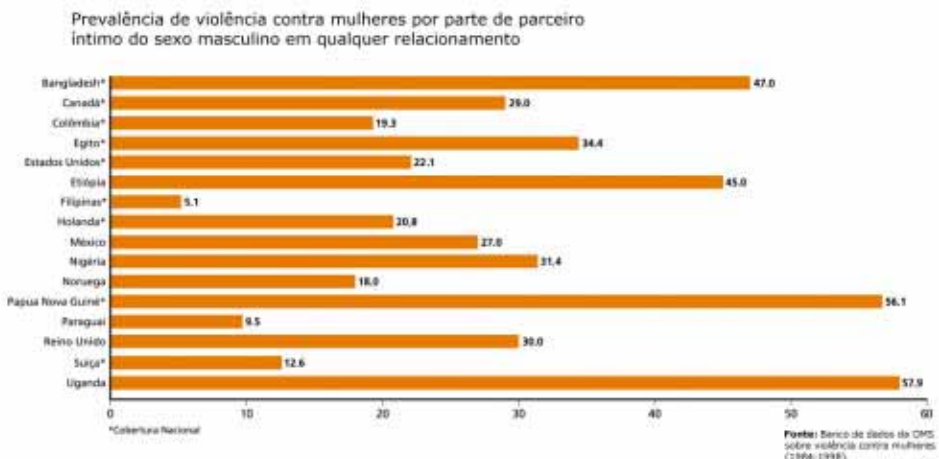
E você não respondeu a minha pergunta.

Carlos

Carlos

Algumas estatísticas mundiais sobre a violência contra as mulheres

- De 20 a 50% das mulheres no mundo são vítimas, em diferentes graus, de violências conjugais.
- O UNICEF avalia que uma mulher entre 10 no mundo é vítima de um estupro uma vez em sua vida.
- Segundo a maioria dos estudos publicados sobre o tema, as mulheres violentadas o são na maioria das vezes por um homem que elas conhecem.
- Acredita-se que existam, por baixo, 9 milhões de mulheres na indústria do sexo. Algumas estimativas chegam a 40 milhões pelo mundo.
- Acredita-se que a indústria mundial do sexo renda 52 bilhões de dólares por ano para as redes de crime organizado.
- Segundo as avaliações, 4 milhões de mulheres e de meninas são compradas e vendidas no mundo inteiro por ano, aos futuros esposos, aos proxenetas ou a comerciantes de escravas.
- Somente na região da Ásia do Sudeste, por volta de 70 milhões de mulheres e de crianças foram vítimas do tráfico sexual nos últimos 10 anos.
- Na Índia, 5 mulheres em média são queimadas todos os dias por motivos ligados aos seus dotes, e outros casos nunca são assinalados.
- Uma pesquisa realizada nos quinze países membros da União Européia em 2000 revela que 2% das trabalhadoras (=3 milhões) foram assediadas sexualmente no trabalho e 9% de trabalhadoras e trabalhadores foram intimidados e assediados moralmente.



(dados tirados de "Sexismo e globalização", Marcha mundial das mulheres, 2000):

20 DE NOVEMBRO: “FERIADO” DEVE SER APROVEITADO PARA LUTA E CONSCIENTIZAÇÃO, NÃO PARA A APATIA

O Dia da Consciência Negra, 20 de Novembro, tornou-se agora feriado nacional. Se por um lado isso representa uma conquista do movimento negro e do movimento popular em geral, por outro lado preocupa-nos as consequências tendo em vista a experiência aqui do Rio, onde o feriado já existe há algum tempo.

Aqui, antes do feriado ser decretado, o movimento popular sempre organizava grandes atos e mobilizações, inclusive uma marcha no centro da cidade. Depois do feriado, a marcha não acontece mais e as atividades reduziram-se quase só a festas restritas e fechadas. Consequência: grande parte do povo, principalmente o povo pobre e negro, passa o dia 20/11 como “mais um feriado qualquer”, sem ter chance de informar-se ou discutir sobre seu significado e importância!

Uma maneira de combater essa apatia é multiplicar as atividades conscientes e de luta

(não apenas “festas”) nas regiões e comunidades proletárias no dia. É o que o CCP tem feito há bastante tempo, antes mesmo do decreto do feriado. Em 2001, organizamos e participamos, junto com a Frente de Luta Popular, MST, grupos de hip-hop da Zona Oeste e outros movimentos, de atividade de rua no centro de Santa Cruz. Em 2002, junto com o grupo cultural Pataxó e grupos de capoeira, foram realizadas atividades em duas comunidades.

Em Belford Roxo, foi feito um grafite no centro e, no bairro Vila Pauline, foi exibido vídeo sobre comunidades remanescentes de quilombos e realizaram-se atividades de capoeira, desenho e grafites com jovens e crianças. Ainda houve



exposição e distribuição de materiais do CCP, Pataxó e FLP e som hip-hop.

Em Campo Grande, na comunidade da Carobinha, foi realizada uma atividade com grafites e capoeira na rua principal, também com distribuição de materiais. A realização dessa atividade foi particularmente importante porque uma semana antes havia acontecido uma chacina na área e a comunidade ainda estava bastante traumatizada.

A idéia é neste ano expandirmos ainda mais as atividades, ampliando-as e alcançando novas comunidades.



Desde dezembro do ano passado, as famílias que participam do acampamento Carlos Lamarca (SP), organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), estão vivendo uma situação crítica. Inicialmente ocuparam uma área em Osasco, que chegou a reunir cerca de 5000 famílias. Após muitas ameaças, foram despejadas numa ação em que agiram em aliança o governo estadual, o governo municipal e empresários de Osasco, estes comandados pelo Bradesco.

O governo estadual prometeu assentá-los num terreno em Guarulhos (cidade administrada pelo PT), para onde foram removidos em condições extremamente precárias. Porém alegando problemas legais e envolvida em disputas mesquinhas politiquieras, a prefeitura petista acabou dando aval para novo despejo, em janeiro último.

Em ambos os despejos as forças da "ordem" agiram com violência e premeditadamente humilhando os sem-teto, como se pode ver pelas fotos acima, onde PMs e tratores destroem deliberadamente seus barracos, seus pertences e seus alimentos.

Após o segundo despejo, as famílias só não ficaram completamente na rua porque os moradores do Anita Garibaldi (outra ocupação do MTST que já existe há cerca de 2 anos em Guarulhos) os acolheram.

As famílias continuam sofrendo e o MTST precisa de toda ajuda e solidariedade possível: social, política e principalmente material!

Contatos: <http://www.mtst.org>; Alex (9568-2365)

Não devemos desistir

A prática de racismo, discriminação, etnocídio, segregação e extermínio que se mantém desde o colonialismo contra as pessoas negras, indígenas, do sexo feminino, crianças, idosos, etc. são marcas vivas de uma sociedade injusta que vivemos. E o nome desta sociedade que estamos submetidos a viver, chama-se CAPITALISMO.

Capitalismo é um sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção visando exclusivamente o lucro, empregando trabalho assalariado da qual extrai a riqueza das grandes e milionárias empresas, fábricas e indústrias, ao mesmo tempo que gera pobreza, discriminação, miséria e fome para a maioria da população que é obrigada a vender sua mão-de-obra para manter sua sobrevivência e de suas famílias. Isso responde porque o Brasil é a 9.º economia do mundo (um país rico) e há tanta pobreza dilacerando vidas de canto a canto. E como se não bastasse, campanhas enormes “tapa-buraco” de combate a fome, por exemplo, vem alienando mais ainda as pessoas da dura realidade existente.

O fato é que enquanto vivermos numa sociedade injusta como essa, sempre haverá fome, miséria, doença, pobreza para a maioria da população, não adiante tentarmos fingir que os problemas irão ser resolvidos apenas na idéia ou no marketing desse novo governo de “FHC”.

A ideologia racista ocidental, afirma que a falta de desenvolvimento destes setores que vivem nas mazelas desta sociedade é devido ao “atraso” dos povos indígenas e afro-descendentes, e a sua inferioridade. Porém, as causas de todos os sofrimentos de que são vítimas esses setores, são encontradas no sistema de dominação, nacional, continental e mundial. E que o fracasso não se deve aos povos indígenas, afro-descendentes, nem aos setores populares, mas a este Estado submetido à pressão e políticas externa, incapaz de defender os interesses internos dessa população. A dívida externa, “ajustes estruturais”, em geral, as políticas neoliberais trazem impactos negativos a saúde, o emprego, a

educação e as condições de vida de todos. Afetando particularmente os jovens, vítimas do desemprego, das drogas, do alcoolismo, de abuso sexual, tortura, crimes, recrutamento forçado, discriminação social, seqüestro, prostituição, comércio de órgãos, desnutrição, etc. e as mulheres, vítimas de formas específicas de opressão e discriminação.

Os problemas gerados pelo capitalismo identificados e percebidos como sistema de dominação econômica multinacional é a negação da autodeterminação dos setores indígenas negros e populares, cujos mecanismos econômicos, tais como, a penetração do capital estrangeiro e multinacional, a competição provocado pelos tratados de livre comércio, os ajustes e a privatização, a transferência de recursos naturais em troca de diminuição da dívida externa, etc., visam somente fortalecer o lucro, o interesse de grandes indústrias, assim como, as estruturas de dependência de países *periféricos*. Para o sistema capitalista a diversidade, o coletivo, a solidariedade, a autonomia significam apenas obstáculos para exercer a imposição, a exploração e o domínio.

Devemos apontar que as políticas estatais tentaram aniquilar os movimentos e organizações indígenas, negras e populares. E, cujos objetivos, vem desde o colonialismo até hoje se fortalecendo para reprimir qualquer sussurro de quaisquer setores na reivindicação de seus direitos históricos e específicos. Não devemos desistir da construção e transformação da realidade efetiva onde quer que estejamos, devemos lutar onde houver opressão e avançar porque a história não pára e a vida não pode esperar.

Fabiano Soares da Silva



palestina
apedreja
tanque
israelense

LEITURA RECOMENDADA!

⇒ PAPO RETO, informativo da frente de luta popular. Peça o seu! E-mail: frentedelutapopular@bol.com.br

⇒ in-FORMAÇÃO Cacorê.

Caixa postal 4938 - Cep: 01064-970 São Paulo - SP. E-mail: cacore@bol.com.br

⇒ CABEÇAS FALANTES - informativo afro-cultural brasileiro:

(www.cabecasfalantes.hpg.com.br)

⇒ TESTAMENTO DE PARTIDEIRO, samba de raiz e lutapopular, E-mail: testamentopartideiro@bol.com.br



Folha Cultural Pataxó

fcpataxo@bol.com.br

Correspondência: Rua Itu, 12, Belford Roxo – RJ Cep:26167-200

Coordenação editorial: Grupo Cultural Pataxó e CCP (Centro de Cultura Proletária)

E-mail: ccp@alternex.com.br

“A classe operária necessita, para a realização de sua missão social, de mulheres que não sejam escravas.(...) Necessita de companheiras com uma individualidade capaz de protestar contra toda a servidão, que possam ser consideradas como um membro ativo, em pleno exercício de seus direitos, e, conseqüentemente, que sirvam à coletividade e à sua classe”



Alexandra Kolontai

Contribua com a Pataxó enviando selos, textos, poesias, cartas, e-mail, opiniões, comentários, críticas, etc.